

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.139

Domingo, 6 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Telhava-Lisboa; Telefones 5339-3

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

hora já do governo arripiar caminho, forçando a manipulação dum único tipo de pão ao preço anterior, visto que "o povo não pode nem deve pagar mais". E se o governo não arripia caminho fazendo justiça ao povo, então este tem todo o direito a im... a justiça pelo seu próprio esforço.

Casa onde não há pão todos ralham e todos teem razão!

O povo não pode pagar o pão nem a 1\$20 nem a \$80! O povo reclama o tipo único de pão! Numa república que se diz igualitária não se pode admitir que os ricos tenham melhor pão do que os pobres!

O proletariado, bem como a classe média, todas as classes, enfim, que produzem e sofrem são mais soberanos do que um parlamento que legisla para contentar as oligarquias que serve!

E' chegada a hora de todos manifestarem o seu protesto!

O governo tem que arripiar caminho!

O povo não está disposto a por mais tempo sustentar os desejos da ladroagem dos vários quilates que protestaram em o aniquilar pela opressão e pela fome!

A esta hora, apesar de o povo ainda não se ter manifestado ostensivamente na praça pública, já o governo, os lavradores, a moagem e a panificação devem estar convencidos de que não poderá persistir o regime cerealífero que vem de ser imposto.

Os lavradores, esses vampiros que vivem nas cidades rodeados de comodidades, ou no campo em casas fartas ao lado dos miseráveis camponeses que cultivam a terra; os lavradores, que cultivam o que lhes parece, que semeiam trigo, ou não, conforme o lucro for ou não por eles considerado suficiente segundo as suas desmedidas ambições; que são capazes de deixar a terra abandonada só para não terem que vender o trigo barato; que semeiam outros cereais se lhes rende maior lucro, para nada se importando com o povo estale com fome e que o equilíbrio económico se manifesta na vida geral do país — são dos primeiros que podem trair, visto que são os primeiros possuidores dos elementos necessários para a alimentação das populações e são dos primeiros a tornar infeliz e desgraçada a população de cada localidade ou região.

Os moageiros que constituem já uma das formidáveis quadrilhas que infestam o país, explorando a indústria como um rico filão de ouro onde quer que o trigo abunda ou que podem aproveitar a hulla branca de graça, ou pouco menos, condição essencial para enriquecimento rápido — os moageiros constituem há muito um Estado dentro do Estado, impondo os seus desejos concupiscentes e obrigando os governos a

ceder-lhes o máximo de vantagens materiais, de que usa e abusa na quotidiana exploração popular, parecendo não haver governo algum com força bastante para lhes fazer encolher as audazes garras presas sobre o povo consumidor, cujo maior número é constituído pelos trabalhadores assalariados.

A panificação, em grande parte nas mãos dos próprios moageiros, é o cumprimento do trio ora apostado em roubar o povo, contando não só com a impunidade da lei, mas até com a protecção dos governos e dos parlamentos muito bem trabalhados para o efeito pelos agentes políticos dos agricultores, da moagem e panificação, exímios traficantes sempre prontos a negociar com a fome e com a miséria populares em troca de chorudas gratificações que lhes permitem a vida regalada e desvergonhada de zangão da colmeia social.

Se não fora isso não se observariam os crimes de lesa-humanidade diariamente cometidos contra o povo, a quem, por outro lado, magnificam por meio de jornais, onde, para o efeito, se publicam notícias e comunicados em forma de artigos e os seus leitores tomam como prosa sincera destinada a zelar-lhes os seus interesses, mas que só tem o fim de levar o povo confiante e confiado a tomar como verdadeiro o que não passa de mistificação e vigarismo.

E o que é pior é que a própria força armada — a guarda e a policia e também o exército — tomam tudo aquilo como sendo também a verdade, e sempre que o protesto popular se afirma contra essa cáfila de patifes que torna infeliz e

arrastada a vida económica dos seus lares ou dos lares de suas famílias, guardas ou das costas dessa cáfila, dessas verdadeiras quadrilhas que a eles também assaltam com a mesma impunidade e desfaçatez.

Ainda agora mesmo, as queixas amargas do funcionalismo e assalariados do Estado se juntavam as reclamações, sem duvida veladas, da officialidade da guarda e do exército, visto que lhes desluzam uma missão, lhes impõem despesas de representação, etc., e não lhes satisfaziam justas reclamações, tam justas como as do povo, pois, aparte a sua função, com a qual não concordamos e até combatemos, julgamos, no entanto, que, porque existem, tem que ter a sua subsistência garantida, uma vez que deles exigem a garantia da vida e have-rem os possuidores que exploram desalmadamente o povo, entre o qual, democraticamente falando, se encontram os homens que envergam a farda e empunham a arma homicida.

Também para eles a vida é penosa e se também são enganados pelas promessas falazes dos governantes, com o povo teem que protestar, visto que se trata duma causa que a todos atinge indistintamente.

Pois estamos em face duma questão de primordial importância para toda a gente. Nós temos aqui posto a nós os intuitos reservados que a lei cerealífera encerra e nunca nos enganamos nem nos excediamos quando afirmamos que o preço do pão excederia o que consta da própria lei.

Na realidade há isto, que não é confessado: por enquanto e nominalmente dois tipos de pão — de 1.º e de 2.º, res-

pectivamente a 1\$20 e \$80; na verdade três tipos, contando com o extra — o tal pão, por agora só para os ricos, vendido em fracções de 50 gramas e a 10 e que fica assim vendido a 2\$00.

Não está na lei? Mas foi autorizado pelo Ministro da Agricultura — o que mais uma vez prova a cumplicidade governamental neste roubo mascarado. Mas as nossas informações já nos dizem que uma das poderosas companhias, gerentes de padarias a regularizarem o preço desse pão na manipulação por forma de 2.º a 1\$20 — tipo único com um aumento de 100% e o outro fino, ao preço mínimo de 2\$25.

Amanhã, se não se obrigar o governo a arripiar caminho, não teremos pão de 2.º a \$80, nem o de 1.º a 1\$20; mas o de 2.º a 1\$20 — tipo único com um aumento de 100% e o outro fino, ao preço mínimo de 2\$25.

Esta é a realidade, Mas, e a fiscalização? — dirão. Ah! a fiscalização! Mas então ignoram que a fiscalização é outra burla, é poeira lançada aos olhos do ingénuo povo?

Deixemo-nos, pois, de ilusões: ou se faz um movimento rápido e incisivo por forma a meter na ordem a ladroagem do povo e todos os seus cúmplices, ou o povo — toda a gente, operários, funcionários e os próprios mantenedores da ordem (que também têm necessidades a satisfazer) nunca mais terão ocasião para defenderem com vantagem o seu direito à existência, o seu pão e o pão de seus filhos.

Para que o governo arripie caminho tem, pois, a palavra o povo, para proclamar a sua justiça.

"ESMAGAI O INFAME!" --- EIS A DIVISÃO

A gatunagem social, ou os "sapos" imundos da humanidade

Já o imortal Platão o afirmava na sua memorável profecia: *O tirano nasce do tronco dos protectores do povo.*

A confirmar esta grandiosa verdade, temos mil e um exemplos e, entre nós, os fornecidos pelo estouvamento republicano durante esta vida dolorosa de 12 annos de regime escandalosamente desnudado.

Os antigos protectores deste povo miserável, encarpados no seu barrete frigio de cores sanguineas, ludiam as multidões sedentas de justiça com esta opinião de Schopenhauer: «cumprido os governos os seus deveres, teremos o céu sobre a terra; isto é, todos os homens se poderão fartar, propagar e morrer, sem angústias nem cuidados». E, aproveitando-se duma passagem do discurso de Briand, tencionalmente impingido à efervescência dos cheminots em greve contra as tiranias do Estado, os falsos libertadores da opposição de magógica declararam que, uma vez transformado o sistema politico em Portugal, as classes trabalhadoras deveriam, em vez de a violência, mas a lei, a sua emancipação económica: seriam zelosos, justos, honrados, cavalheiros — tanto mais que a república, seria, antes de tudo, uma questão de policia, para limpar, catar a vida pública que anda infestada por quadrilhas do pior espolio...

O resto é coisa já sabida: a fórmula republicana foi um segredo de bandirilha nesta taurada nacional, que nos trouxe a mais pungente mistificação, que nos brindou com a mais estupeficiente burla — em vez de importar mais do que antigamente — cujos devassos, cujos larapios, cujos falsificadores, que saqueiam a «bolsa da nação em todas as encruzilhadas dos negócios públicos, ainda por cima, triunfadores e oventes, com um gesto mobilizam a justiça e a policia, que metem na cadeia a vítima incauta que se deixou roubar».

E' chegada a esta situação deplorável; em presença destes sapos imundos da humanidade que, como diria Oliveira Mascarenhas, fariam fugir enojados os outros sapos, se eles compre-

ndessem a vileza, a baixeza, de certo homens; é indignados contra uma atmosfera miasmada de patifes, contra umas instituições que desprezam os interesses das populações em geral, contra o tumultuar irresponsável dum parlamento que cede às ambições desenfreadas da moagem e da industria de padaria que nos rouba ou encoace o mais sagrado alimento — o pão — que nós, enervados, somos coagidos a fazer a vontade de Emílio Navarro, transformando a nossa pena em estalido de lava branca — se se pode discurrir com cretinos e raterones, despossuidos daquella necessária sensibilidade humana. E por isso que a divisa de Voltaire *Esmaçai o infame!* ainda tem de presidir aos acontecimentos do século decorrente, acontecimentos, aliás, que serão desenrolados em virtude da emancipação dos trabalhadores se impor eloquentemente, como é de justiça.

E porque estamos numa época em que, a par do doutrinarismo, temos de exercer uma certa actividade em defesa do nosso pão e da nossa liberdade — os governos, as autoridades, a policia, tais como os da monarquia, pior que os da república, apreendem a Batalha nos correios, nas estações dos caminhos de ferro, em público, chegando-se à immoralidade, como aconteceu no Porto, de agentes da segurança do Estado oficialmente demittidos, mas de facto ao serviço, e de convivência amistosa com agentes da patronal, detemendo os nossos jornais, distribuídos, contudo, exemplares entre amigos seus — por serem de graça... o que, afinal, tudo é propaganda... Tudo isto porquê? Por dizermos verdades duras, mas verdades. Revive o período nefasto em que a imprensa, e que o diga o Mundo, era constantemente amordaçada. Ontem em nome de el-rei, hoje em nome dos principes da República, da Moagem, da Industria, da Finança, numa palavra: da Confederação Patronal...

Que lhes faça bom proveito...

Clemente Vieira dos SANTOS

As opiniões da imprensa a propósito do roubo do pão

Quasi toda a imprensa se referiu em termos desfavoráveis aos dois tipos de pão, fazendo salientar que o de 2.º é excecional.

E' curioso de constatar que até o jornal que tem feito da moagem uma defesa descarada, não hesita também em o confessar.

A burla que sob o nome de pão af se fabrica causou tal indignação, que os jornais burgueses — bem-se forçados a confessar-lo.

A revolta que isto produz não deixa de não ser comentada favoravelmente. Assim o «Mundo» numa local em que fustiga a carestia da vida afirma que se os generos continuarem a subir a paciência popular está a desaparecer totalmente.

O «Correio da Manhã» concorda plenamente em que existe má fabricação do pão, que o seu aumento de preço é injusto e lança as culpas totalmente para o governo e para o regime. Só não se compreende é que deixe passar em salvo a moagem.

A «República» num mau artigo que o desale e ambicioso, insinua o inábil politico Ribeiro de Carvalho subverte, ataca o nosso jornal incitando o governo a exercer violências.

Somos acusados de coisas espantosas: pretendemos uma revolução social, atentamos contra as instituições, queremos humilhar a sociedade burguesa e tudo o mais que ao homenzinho lhe aprouve acabar.

O mais revoltante de tudo isto é que o sr. Ribeiro de Carvalho não acredita no que escreve. Tem a convicção absoluta de que mente, não duvida que está calunhando.

Procede por «truc» politico; faz cinismo politico. Toda aquela indignação é fingida, todo aquele artigo representa um vigarismo torpe.

Somos acusados por ele como elementos de disciplina.

Mas quem nos acusa é um indisciplinado, que intriga e desmoraliza o próprio partido. E' tão verdade essa nossa afirmação, ele procede da tal maneira em relação ao procedimento dos dirigentes que estes não reciam confessar que ele conspira na ansia de ter o partido na mão.

Tem sido um dos maiores elementos de desordem, mudando de opinião segundo a sua conveniência.

Mas, nós estamos muito acima destas

Como tem sido recebido o novo regime cerealífero

Continuaram ontem os conflitos por causa do aumento do preço do pão.

Toda a gente protestou também contra a qualidade do pão, que tanto o tipo de primeira como de segunda, constituem uma verdadeira poeira.

Para os lados da rua Maria Pia, bairro populoso, muito habitado por operários, os conflitos atingiram maior violência. Como antecedente, também algumas padarias tiveram que vender o pão a \$60.

Nos Terramotos, foi preso Eduardo Oliveira por, segundo se diz, andar a distribuir manifestos incitando o povo a não pagar mais que \$60, por cada quilo de pão.

Um cabo agride bárbaramente uma mulher presa.

Vieram à nossa redacção protestar contra a forma infame como o cab.º 145, Américo de Paiva, da esquadra dos Terramotos, tratou Mariana Gomes, aquela camarada que foi presa ontem na rua Maria Pia, por ter protestado energeticamente contra o aumento do preço do pão.

Esse cabo, além de apalpar inconvenientemente a presa, como esta protestasse contra tal descauto, agrediu-a bárbaramente, como se pode verificar pelas manchaes negras que lhe cobrem o corpo.

Pela maneira como estes cabos de esquadra, verdadeiros animais, agredem quem defende o seu pão, vê-se logo que só estão habituados a comer palha.

Mariana Gomes encontra-se presenteemente no governo civil.

A greve das classes marítimas.

Como ontem dissemos, a Federação Marítima declarou a greve geral de todas as classes marítimas de Lisboa e arredores, como protesto contra o aumento do preço do pão.

O pessoal do tráfico marítimo ainda se apresentou de manhã ao serviço, mas, inteirado do que fora resolvido, retirou-se.

NOTA OFICIAL

O serviço do cais está paralisado, tendo os paquetes «Cap Polonio» e «Arizana» ficado ontem no Tejo, de onde deviam sair de manhã, sem que recebessem ou descarregassem mercadorias. Está também paralisado o serviço de carreiras entre Lisboa e a outra margem.

O Comité protestou contra o facto de uma comissão de onerários e funcionários do Tribunal de Desastres no Trabalho terem solicitado permissão para que se pudessem realizar hoje um passeio fluvial.

NOTA OFICIAL

A Federação Marítima e o seu Comité dirigente constata o entusiasmo com que todos os trabalhadores do mar acataram as resoluções desta Federação e o entusiasmo com que espontaneamente, aderiram à greve contra a criação dos dois tipos de pão, principal alimento das classes trabalhadoras.

O moral do movimento grevista desta classe é excelente não só pela espontaneidade com que foi iniciado, como pelas adesões recebidas das marítimas de Alameda, Vila Franca de Xira, Abrantes, Alcochete, Salvaterra, Barreiro, Seixal, Almada e outras pequenas localidades.

O Comité exorta as classes marítimas a que mantenham com o mesmo entusiasmo do primeiro momento, honrando as suas tradições até que terminem as razões que originaram o nosso movimento, ou que a central da organização operária o julgue conveniente, em obediência aos princípios sindicais que lhe compete defender e ao momento que atravessamos em defesa do pão dos nossos filhos.

Constata o mesmo Comité a maneira delicada como a sua greve aderiram os tripulantes dos vapores da carreira do Seixal e Alameda e da Parceria dos Vapores Lisboenses.

Abaixo os ladrões do povo! Viva a greve! Vivam as classes marítimas!

A Federação e o Comité.

U. S. O.

NOTA OFICIAL

Cada dia que passa mais se intensifica o movimento por este organismo iniciado contra o decreto que instituiu os dois tipos de pão.

As classes marítimas já ontem deram principio pratico a este protesto.

Ainda hoje esta União recebeu comunicação de que a Federação Nacional Ferroviária acaba de notificar

NOTA OFICIAL

do operariado respectivo, para que tenha em conta o momento que se passa, e nos participa também a sua concordância, enviando-nos desde já o seu apoio moral ao movimento de protesto contra os dois tipos de pão. Outras mais organizações nos enviam constantemente as suas adesões.

Agora pergunta-se quem é que neste momento representa de «verdade», o povo; a U. S. O. ou o parlamento, cujos componentes votaram o pão da fome?

As manifestações constatadas são bem a prova de que o parlamento nunca representa o sentir do povo, e os parlamentares bem o devem sentir; e se assim é, por que não procedem conforme as indicações do povo? Não querem? Tanto pior, porque a situação não é para se brincar e os sindicatos serão os que indicam a U. S. O. ou que esta tem a fazer para que a vida do povo seja respeitada.

Para relatar os resultados das últimas «démarches», realizadas com várias entidades, sobre o decreto que criou os dois tipos de pão, realiza-se hoje, às 17 horas, uma sessão pública na sede desta União, Calçada do Combro, 38, para a qual se convida a comparecer o operariado de Lisboa e bem assim as suas companheiras, visto serem estas as que mais sofrem com a immoralidade das «bichas».

Que ninguém falte!

Hoje, às 13 horas, prossegue reunião iniciada ontem.

A U. S. O.

Federação Nacional da Construção Civil

A Comissão Administrativa previne todos os sindicatos dos arredores e provincia, que devem acatar as resoluções da C. G. T. para a intensificação do movimento tendente à manutenção de um tipo único de pão ao preço de 60 centavos

Federação Ferroviária

Em reunião da Comissão Executiva desta Federação, foi apreciada a situação económica das populações operárias dos grandes centros industriais do país, perante o agravamento do custo do preço do pão e em face das demonstrações de protesto que contra esse injustificado agravamento se estão produzindo em toda a parte. A Federação Ferroviária de Portugal e Colónias convidou os Sindicatos e Associações ferroviárias de todo o país a secundarem os protestos do povo trabalhador, nos centros onde esses protestos tenham effectivação, visto a classe ferroviária ser nesses pontos atingida gravemente pelo referido encarecimento.

Considera ainda esta Federação que o apoio moral dos ferroviários a qualquer movimento mais enérgico da classe operária, levado a efeito com o mesmo fim, neste momento, é um dever e representa um acto de defesa legítima em prol da situação económica de cada ferroviário.

A Federação do Mobiliário ante a questão do pão e a carestia da vida

Este organismo inclita os sindicatos seus aderentes, a manterem-se atentos para secundarem o movimento coordenado pela C. G. T. contra a lei cerealífera e os causadores da miséria pública.

Que em todo o país, todos os operários do mobiliário saibam cumprir com o seu dever! — O secretariado.

Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha — Corderaria Nacional

Com grande concorrência de camaradas, realizou-se neste Sindicato uma sessão em que foi apreciado o constante aumento do custo de vida e momento o novo regime cerealífero que trouxe como consequência os dois tipos de pão e o seu encarecimento.

Depois de usarem da palavra diversos camaradas, foi aprovada uma moção em que se resolveu exteriorizar toda a revolta, dar um incondicional apoio às

Empregados Menores dos Correios e Telégrafos

Os corpos gerentes desta Associação de Classe reunidos extraordinariamente para apreciar o aumento do preço do pão e bem assim a constituição de dois tipos do mesmo, interpretando o sentir unanime da classe que representam protestam energeticamente contra o decreto que criou tal situação e resolve enviar todos os esforços para que o mesmo deixe de ter effecto.

Associação dos Empregados Menores no Comércio

Convidam-se todos os sócios e não sócios a comparecer na reunião magna que se realiza hoje na Associação dos Caixeiros, Rua Antonio Maria Cardoso, n.º 20, pelas 13 horas, como protesto contra os dois tipos de pão. Só queremos um tipo único e acessível à nossa bolsa.

Associação dos Caixeiros

A direcção deste sindicato convida todos os caixeiros a comparecer hoje, domingo, às 13 horas, a sessão que se realiza na sua sede, rua Antonio Maria Cardoso, 20, a fim de lavrarem o seu protesto contra as manipulações da moagem, querendo obrigar o público a consumir pão intragável e de preço exorbitante, e resolverem o caminho a seguir.

Empregador no Comércio

Hoje realiza-se a grande reunião magna da classe na Associação dos Caixeiros, Rua Antonio Maria Cardoso, n.º 20, pelas 13 horas promovida pela comissão de delegados das Associações das especialidades para protestar contra a criação dos dois tipos de pão a resolver qual o caminho a seguir em face da gravidade do momento.

Empregados no Comércio de todos os ramos: afirmam a vossa vitalidade comparecendo à reunião!

Manufactores de Calçado

Para se manifestarem sobre o novo regime cerealífero e consequente aumento do preço do pão, reuniram ontem os operários manufactores de calçado.

Pronunciaram-se sobre a falcatura do novo regime cerealífero e os dois tipos de pão: João Antunes Rodrigues, Silva Campos, Jerónimo de Sousa, Alfredo Leonardo e Aleixo de Oliveira, sendo por fim aprovada a seguinte moção:

«Considerando que a questão do pão, por ser uma questão de primordial interesse para o povo, mas que principalmente à classe trabalhadora merece especial atenção; Considerando que os trabalhadores não podem consentir que se triplice sobre a sua condição já extremamente agravada por efeito da ganancia desmedida dos assambradores do que é indispensável a vida;

Os operários manufactores de calçado reunidos resolvem:

1.º — Fazer sentir à U. S. O., por intermédio do seu delegado, a necessidade de agir em todas as circunstâncias, embora as mais difíceis, para que a classe operária seja levada a defender com energia a sua vida e o seu pão.

2.º — Independentemente de toda a acção uniforme, cada operário procurará defender a sua situação, lembrando-se que essa obra pode ir até a consequência imprevista.

Funcionários da Administração do Porto de Lisboa

Reuniram em assembleia geral, para apreciar o resultado dos trabalhos do delegado junto da Comissão Central do Funcionalismo e consultar a classe sobre qual o caminho a seguir, em face do decreto que criou dois tipos de pão. Depois de terem feito uso da palavra vários oradores, Manuel Inácio Ferraz apresentou uma moção do teor seguinte:

«Considerando que um único tipo de pão é o que melhor satisfaz as necessidades do povo consumidor conforme praticamente ficou demonstrado;

Considerando que o actual pão de 2.º, já de péssima qualidade e mais caro

\$20 centavos em quilo, a breve trecho se tornará intragável, dando portanto às classes menos abastadas, na contingência de terem de recorrer ao pão de 1.º cujo preço se torna incompatível com os ordenados e salários que actualmente as mesmas classes auferem;

Os funcionários da Administração do Porto de Lisboa, reunidos em assembleia geral extraordinária na sua associação de classe, resolvem:

1.º Protestar energicamente contra o decreto que criou os dois tipos de pão até que aquele seja suspenso;

2.º Defender a outarante o tipo único igual ao anterior;

3.º Dar o seu apoio consciente a qualquer movimento nacional, ordeiro mas energético, iniciado pelas classes organizadas e de carácter absolutamente económico, atente a combater a sempre crescente carestia da vida.

Empregados de Escritório

O Sindicato dos Empregados de Escritório convida a classe a comparecer à grande reunião magna dos empregados no comércio que se efectua hoje, na Associação dos Caixeiros.

O dever de todos os empregados de escritório ir à reunião.

Sindicato União Metalúrgico

Para um assunto urgente, convidamos a comparecer na sede do sindicato, às 12 horas, todos os camaradas que actualmente fazem parte dos corpos gerentes, os do Grupo Pró-Metalurgia, os da Comissão de Melhoramentos e Pró-Sede e todos os camaradas que se interessam pelo importante assunto que ora se debate, referente à questão do pão.

Aos Impressores Tipográficos

Camaradas: Basta de afrontas e provocações!

Depois da burla das 8 horas, a burla do pão. Quem que trabalhe mais e que comam menos!

Já é tempo dos escravos se levantarem contra os opressores. Já é tempo de defendermos o nosso direito à vida!

Não deves continuar indiferente à tua tuberculização. Não tens o direito de concorrer para o lento definhamento da tua próle!

Vem afirmar o teu protesto bem firme e enérgico!

Que nenhum impressor falte à assembleia que hoje se realiza às 15 horas na rua António Maria Cardoso, 20, 1.º

Pessoal dos Hospitais Cívicos Portugueses

Esta classe reunida em assembleia geral no dia 3 do corrente, apreciando o decreto infame que criou os dois tipos de pão, resolveu protestar energicamente contra tal decreto, por reconhecer que esse não traz nenhuma vantagem às classes trabalhadoras, antes pelo contrário, mais e mais agrava a situação económica das classes operárias.

A mesma assembleia resolveu apoiar a U. S. O. no seu movimento de protesto.

Operários Alfaiates

Reuniram os corpos gerentes, que tomaram resoluções importantes sobre os dois tipos de pão e seu elevado aumento, sendo resolvido reunir em assembleia geral, hoje, pelas 17 horas.

S. U. Mobiliário

O secretariado deste Sindicato, apreciando a magna questão do pão, convida todos os operários mobiliários a estarem alertas, a fim de acatarem as resoluções que porventura a U. S. O. entenda levar à prática.

Que cada um defenda a sua dignidade e o seu lar ameaçados!

Carruageiros

São convidados todos os operários construtores de veículos, a reunirem amanhã em assembleia magna, para resolver qual a atitude que esta classe deve tomar em face do novo decreto que estabelece dois tipos de pão.

Às 8 horas do mesmo dia reúne a comissão administrativa deste sindicato.

Em Almada

Prisão de dois militantes

Foram ontem arbitrariamente presos em Almada, os camaradas Tomás Negócio e José Lopes, delegados da U. S. O. daquela localidade. Este organismo reunido ontem protestou energicamente contra o facto. Os descarregadores de Mar e Terra e os Manobras de Calçado encontram-se em sessão permanente. A U. S. O. exorta os operários do concelho a manter a máxima solidariedade e a aguardar resoluções.

Em Setúbal

Todo o operariado se manifesta

SETUBAL, 5.—Também nesta laboriosa cidade, de Setúbal, o novo regime de pão foi recebido com manifesto desgosto. As classes dos soldados, trabalhadores das fábricas de conservas e todas as demais classes, enfim, desta cidade, representando um número de operários superior a 23.000, acabam de, cada uma classe, de per si, enviar um telegrama ao ministro da agricultura protestando contra o novo decreto e reclamando o restabelecimento do anterior decreto.—D. A. C.

Corticeiros do Seixal

SEIXAL, 4.—Na assembleia última os operários corticeiros aprovaram uma moção contra a criação dos dois tipos de pão, que tem as seguintes conclusões:

1.º—Protestar energicamente contra a criação dos dois tipos de pão e seu encarecimento assim como de todos os géneros essenciais à vida;

2.º—Dar todo o apoio, qualquer movimento que venha a fazer-se contra a não aceitação da respectiva lei.

Em Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 4.—O pão de 2.º que a moagem aqui vende não se pode tragar, parecendo só próprio para irracionais.

Partido Comunista

COMITÉ EXECUTIVO

Em sessão extraordinária reuniu ontem a Comissão Executiva do Partido Comunista, tendo-se ocupado especialmente no movimento de protesto do proletariado, a respeito da questão do pão.

O comité, regosijando-se com a alie-

AS GREVES

Manipuladores do pão

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: ao iniciar-se a greve, tem o comité dirigente a consolação de ver que vós estais dispostos a cumprir com o vosso dever.

Não vos importeis com as casas que estão funcionando pois que são um número diminuto, e não será esse o motivo de nos acobardarmos, indo retomar o trabalho.

Não, camaradas! Numca!

Seria uma cobardia para nós se fôssemos refomar o trabalho nas condições em que os senhores panificadores nos colocaram.

Sabeis perfeitamente que andou em automóvel um indivíduo desconhecido juntamente com três caixeiros, sendo um deles um tal Andrade, que ainda há bem poucos dias disse na nossa associação que devíamos ir para a greve se os industriais não satisfizessem o aumento por nós pedido e que não se devia transigir.

Pois, camaradas, essas criaturas que andaram em automóvel convidando o pessoal a trabalhar com o aumento de 70 % e um quilo de pão fino, andaram a pôr em prática um «truc» do qual tendes que livrar-vos, e isto enquanto é tempo.

Talvez que os 30 %, que os industriais nos querem roubar, pois o regime cerealífero deu margem para nos aumentarem em 100 % como foi dito pelo secretário do ministro da agricultura, sejam para pagar o automóvel e a gasolina a esses vampiros que andaram com sofisma mandando trabalhar com esse aumento.

Não vos iludais com o pagamento que se efectua hoje, cujo aumento não é verdadeiro pois que se o fosse, nós teríamos a ombridade necessária para a tomarmos em consideração.

Sabeis os trucs que a companhia emprega para iludir todos aqueles que ainda não têm a noção verdadeira do que é e do que vale. Nós estaremos alerta para velar por eles e por todos que querem melhores dias para si e para os seus.

Que os industriais de padaria queiram ou não, os manipuladores de pão jámal consentirão que os roubem como o querem fazer, não lhes dando aquilo que de justiça lhes pertence.

Os camaradas do Barreiro, Almada e Cascais não hesitaram em vir para o nosso lado dispostos a lutar até à vitória final.

O vosso comité cheio de entusiasmo apela para que todos os que se encontram trabalhando imediatamente venham enfileirar com todos os que se encontram em luta, para que saíamos vitoriosos.

Abaixo os amarelos!
Abaixo os traidores do automóvel!
Viva a greve geral!

O Comité Central

A reunião de hoje é às 11 horas.

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: O vosso «comité» não vos faz hoje largas considerações sobre a situação do vosso conflito. A sua solução absoluta depende apenas de um pequeno grupo de patrões, insensatamente prostrados ainda ante a «patronal» moribunda. Vem a sua agonia, não como aquela que sente a perda da amante estremecida após um contacto de prazeres, mas porque ainda receia que, após um contacto pestilento e pleno de prejuízos, ela desperte da sua catalepsia e sobre eles cheie mais as suas vampíricas fúrias. Não a choram, não a lamentam, mas sim lamentam-se por terem com ela travado conhecimento, deixando-se embalar no canto dessa per-

mação de vitalidade e energia que o operariado está dando, e salientando o gesto revolucionário das classes marxistas declarando-se em greve—afirma a sua solidariedade com o movimento e incita todos os trabalhadores comunistas a uma máxima união de esforços dentro da grande classe explorada dos produtores, para que mais uma vez não triunfem os negros desígnios governamentais que só miram a reduzir o povo à fome.

Para continuação de trabalhos que sobre este assunto ficaram pendentes, e ainda para decidir acerca de outros de máxima importância e urgência, o Comité Executivo volta a reunir novamente hoje às 14.35.

Pré-presos por questões sociais

Comissão central

Para assunto urgente e inadiável, são convidados a reunir hoje, às 20 horas, todos os delegados dos organismos a esta comissão.

Esta comissão tomou conhecimento das prisões dos camaradas Manuel Ventura, Joaquim Ferreira e Eduardo de Oliveira.

Presos, porquê?

Quando ontem desembarcavam em Casilhas, foram presos os camaradas Tomás Simões Negócio e José Lopes, daquela localidade, à ordem do administrador do concelho de Almada.

Como vivemos em regime democrático, não admira que se verifiquem estas arbitrariedades, pois não se sabe o motivo que levou aquela autoridade a efectuar tais prisões.

EM VISEU

Um violento incêndio

destruiu a sede da Associação dos Caixeiros

VISEU, 5.—T.—Uma pequena explosão de agarrar provocou um pavoroso incêndio num quarteirão da rua Formosa. Arderam já três prédios, não estando ainda localizada. Chegaram os bombeiros de Vouzela e de S. Pedro do Sul.

Num dos prédios incendiados funcionava a Associação dos Caixeiros.—Correspondente.

A BATALHA

Propaganda Sindical

Na Liga das Artes de Vição

Portuense

PORTO, 1.—Promovida pelo Núcleo Juventude: Sindicalista do Porto, secção da Carris, realizou-se duas sessões de propaganda sindical juvenil.

A primeira realizou-se às 16 horas, fazendo uso da palavra, a convite da Juventude, Armando Martins, militante do pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, que acidentalmente se encontrava no Porto, em propaganda pro-3.º Congresso Operário. Constituída a mesa, foi concedida a palavra a Armando Martins, que iniciou as suas considerações falando da situação da classe operária em nome da C. G. T. ou do Sindicato do Pessoal da Carris de Lisboa, que na ocasião não tem poderes para representar. Apreciando a situação moral do pessoal da Carris do Porto, diz que esta é vexatória em face da consciência que vem despertando nas outras classes. O pessoal do Porto, não pode nem deve continuar indiferente ao momento que passa. A classe operária tem que cerrar fileiras, pois que os governantes desta república republicana, conluídos com a Patronal e toda a casta parasitária, pretendem arrancar a classe operária, uma das suas mais caras conquistas, o horário de 8 horas de trabalho. Em seguida sucintamente explica a acção do pessoal da Carris de Lisboa, quando da última greve. Armando Martins que durante uma hora e um quarto prendeu a assistência com as suas considerações, terminou fazendo votos para que o pessoal da Carris do Porto, saiba cumprir com o seu dever, unificando-se, estreitando os laços de solidariedade que, deve unificar todos os produtores. Só assim conseguiremos destruir esta sociedade podre em que vivemos, e sobre os seus escombros constituirmos uma sociedade de Paz e Amor.

A segunda sessão foi iniciada sob a presidência de Armando Martins.

Feitas breves considerações por Zaccarias de Lima, é concedida a palavra a Saul de Sousa, em nome do Núcleo da Juventude Sindicalista.

A acção juvenil não tem sido compreendida.

Assumam-nos de bombistas, falseando assim a nossa missão. Os jovens sindicalistas apenas se preparam para com os conhecimentos necessários, serem os homens que amanhã com a consciência dos seus deveres, tomarão conta de tudo que aos trabalhadores diz respeito.

A missão das juventudes é educar, e preparar o operariado para aniquilar uma vez para sempre uma sociedade que a uns concede o superfluo, enquanto outros lentamente se tuberculizam, por não poderem adquirir aquilo a que têm direito.

Anastácio Ramos de uma maneira clara, expõe qual a missão das juventudes sindicalistas, terminando as suas considerações esperando que os jovens da Carris se lancem com coragem na missão que lhes está confiada, a fim de conseguirem levantar o moral da classe a que pertencem.

Armando Martins faz uso da palavra analisando de uma maneira geral o estado de indiferentismo da classe operária, em face dos graves acontecimentos que a sua volta se estão desenrolando. A classe operária tem que se organizar, tem que se preparar para enfrentar os ataques que a burguezia lhe está movendo.

Da nossa inércia depende o nosso mal estar social. Da nossa consciência, critério e acção revolucionária depende o nosso bem estar.

Em Aviz

AVIZ, 2.—Reuniu o sindicato dos rurais de Aviz, em sessão extraordinária, pelo motivo de se encontrar aqui um delegado da Federação Rural, que foi assistir a uma sessão solene a Ervedal, o qual resolveu vir até aqui, a fim de fazer propaganda sindical.

Aberta a sessão, na qual estava também representada a autoridade administrativa, foi dada a palavra ao delegado da Federação.

Começou por esclarecer qual a vantagem em sermos sindicalizados, exortando a que todos cumpram o dever de sindicados para com o Sindicato, para poderem exigir direitos. Faz a apologia do Sindicalismo Revolucionário. Por fim termina apelando para todos os rurais se associarem no seu sindicato de classe, único defensor dos trabalhadores.

A seguir fala o camarada rural de Benavilla J. Póvoas que se regozija bastante em assistir àquela sessão, demonstrando assim que os rurais de Aviz também tem desejo de se emancipar da tutela capitalista. Como estivessem presentes alguns operários da Construção Civil exorta-os a reorganizar o seu sindicato, pois que é para lamentar terem deixado morrer o seu baluarte, apelando para o levantamento, porque cada sindicato é uma barreira contra o capitalismo. Termina apelando para os rurais de Aviz não associados a ingressarem no Sindicato a fim de este ter o desenvolvimento que merece ter. Fala José Casimiro dizendo que se sente bem no meio dos seus camaradas, embora isso pese à burguezia, pois que esta tem tentado por várias formas ver-se livre dele expulsando-o daqui, mas não o conseguiu nem conseguirá, apelando ao mesmo tempo para todos os rurais se associarem.

Fala ainda Casimiro apelando para a solidariedade dos camaradas, para com o nosso órgão na imprensa. A Batalha afim de auxiliá-lo e mesma por todas as formas ao alcance de todos. Fala também Póvoas, dizendo que os que trabalham na agricultura andam cobertos de farrapos e mal alimentados, e a burguezia que nada faz, vive na abundância de tudo que é necessário à vida.

É preciso unirmo-nos! Deseja que todos leiam A Batalha, visto que é o jornal dos trabalhadores, apelando para o mesmo ser auxiliado, terminando a sessão aos vivas à C. G. T. e à Batalha.

A apreensão de "A Batalha"

Como já ontem dissemos, A Batalha foi apreendida em várias terras do país, sem dúvida por ordem do governo.

O nosso correspondente em Castelo Branco comunica-nos que quando ali chegou o comboio das 15 horas do dia 3, a polícia apreendeu A Batalha nos rapazes que a carregavam, pondo em estado de sítio o Café Peninsular, onde o nosso jornal se vende. A este estabelecimento foi por várias vezes a polícia, tendo o seu proprietário recusado a entrega dos jornais. Quando, porém, mais tarde entraram ali 5 polícias, um cabo e o administrador do concelho intimando a entregar A Batalha, já estavam todos os exemplares esgotados.

São imediações do café juntou-se muito povo, que comentava indignadamente a atitude da polícia. No dia seguinte o nosso correspondente, em nome de A Batalha, procurou o administrador para saber dos motivos da apreensão, respondendo aquela autoridade que para isso havia recebido ordens superiores de Lisboa!

Na estação telegráfica, também por ordens superiores, não lhe quiseram transmitir um telegrama relatando o facto, telegrama esse que afinal sempre recebemos ante-ontem.

De Aveiro também nos comunica o nosso correspondente que o cabo Leonardo da polícia e mais guardas apreenderam A Batalha à chegada do comboio.

No entanto, passadas algumas horas, foram os exemplares restituídos do vendedor.

Constata-se mais uma vez a liberdade de republicana...

IMPRENSA

"La Vero"

Saio o n.º 6 desta interessante folha divulgadora da Língua Internacional entre o povo.

Entre outros assuntos publica as opiniões do camarada Alberto Dias, secretário geral da Federação da Construção Civil e a costurada «Lição de Esperanto».

A BATALHA

no Barreiro vende-se na leitaria L4 vai Rua Joaquim António de Aguiar

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal da Carris de Ferro

Reuniu em assembleia geral, com regular concorrência de camaradas de todas as secções de serviço, com a ordem de trabalhos seguinte: Apreciar uma proposta da comissão administrativa; nomeação de cobradores por secções e tratar de outros assuntos de interesse colectivo.

Aberta a sessão, fez uso da palavra Daniel da Costa que declara estar de acordo com a proposta da comissão administrativa, tendente a elevar o actual preço da cota sindical.

Carlos Inês, declara também estar de acordo com que a cota seja aumentada, pois só assim poderemos fazer face aos inúmeros encargos do sindicato.

Na mesma ordem de ideias se manifesta Joaquim da Conceição, mas no entanto vê-nos dificuldade. Sousa Mendes e António Ferreira, manifestam-se pelo aumento da cota.

Armando Martins, diz que apesar de demitido, ao abrigo do regulamento do sindicato se encontra no gozo dos seus direitos sindicais e por isso também emite a sua opinião.

A cota sindical tem que ser aumentada. O sindicato tem que se habilitar financeiramente a fazer face a todas as despesas. O sindicato vai principiar a agir e para agir tem que se habilitar com os recursos necessários.

Como sobre este assunto não houvesse mais insinuos, foi a proposta da Comissão Administrativa aprovada por grande maioria.

Sobre o segundo número, nomeação de cobradores, fizeram uso da palavra vários camaradas, tendo-se por fim nomeado cobradores por secções, aplaudindo a assembleia o gesto de António José Ribeiro, guarda-freio, que sem percentagem se prontifica a fazer a cobrança durante um ano, bem como a pagar adiantado um ano da sua cotação.

Antes de se encerrar a sessão fizeram uso da palavra vários camaradas e entre estes Armando Martins, que mostra a conveniência da classe nomear os seus delegados ao 3.º Congresso Nacional Operário, demonstrando quais as vantagens que para a classe operária advirão com a realização do mencionado congresso.

O pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, que tem nobremente se tem sabido impor ao conceito das massas organizadas, não pode neste momento ficar indiferente à magna reunião do proletariado.

Armando Martins, aproveitando a ocasião de estar no uso da palavra, censura asperamente os governantes do país, pela sua criminoso atitude, pretendendo cercar regalias que ao operariado muito tem custado a alcançar.

Refere-se também à criação dos dois tipos de pão, dizendo que o pessoal da Carris, mantendo as suas belas afirmações, deve secundar qualquer manifestação que a organização operária prepare, com o fim de deitar por terra tão ignominioso decreto.

A assembleia aplaude com calor as afirmações feitas por Armando Martins.

Antes de se encerrar a sessão, foi por unanimidade aprovada a seguinte moção:

«Considerando que os governantes da república portuguesa, mancomunados com toda a casta parasitária, estão a todo o momento cercado regalias que com sacrifício de muitas vidas a classe operária tem alcançado; Considerando que o regulamento burla, de autoria da classe capitalista, mas assinado por Vasco Borges, não pode passar sem o veemente protesto da classe operária;

Considerando que a criação de dois tipos de pão e o agravamento do seu preço apenas vem beneficiar os magnates tiranetes da moagem;

Considerando ainda que o operariado português, deve condignamente responder às provocações que lhe estão sendo feitas, resolve:

1.º—Protestar veementemente contra a atitude criminoso dos reaccionários governantes do país, que favorecendo os altos potentados de quem são representantes prejudicam a classe operária em geral;

2.º—Encetar desde já a propaganda necessária, para que o pessoal que este sindicato representa, saiba corresponder a qualquer chamamento que a organização venha a fazer.»

Pessoal dos Hospitais Cívicos

Reuniu a assembleia geral, que tratou de vários assuntos, sendo nomeada a sua comissão administrativa que ficou assim constituída: A. C. Barreira, Luis R. Vaz, Luis Gomes, J. Lino, A. Dias e A. S. Dinis.

CONVOCAÇÕES

Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro—Reúne hoje, às quinze horas na sua sede social, rua do Mundo, 81, 2.º, a Direcção da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, a fim de tratar do conflito havido entre os artistas do Teatro Maria Vitória e o governador civil de Lisboa, a fim de tomar as providências que o caso reclama, podendo todos os sócios da A. C. T. T. assistir à mesma reunião, visto a gravidade do assunto afectar a toda a colectividade.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Corticeiros do Seixal—Reuniu a assembleia geral que, tratando de outros assuntos, aprovou também uma proposta retirando o delegado à União até que os sindicatos lhe deem a força que ela necessita para intervir em qualquer assunto local. A seguir foi apresentada outra proposta, por Luís Gonçalves, do seguinte teor: «Propõem que os 5 por cento que eram para a União passem para benefício de A Batalha, enquanto não ingressarmos novamente na União.»

COLUMA ESPERANTISTA

Lisbona Verda Stelo—Para assunto de grande importância pede-se a comparencia dos corpos gerentes, hoje, pelas 19 horas.

PELA COMPANHIA PORTUGUESA OS COMBOIOS NÃO ANDAM

O pessoal na mesma situação angustiosa

Há dias afirmávamos que dentro da C. P. os serviços de comboios corriam numa maneira insuportável devido ao pessimo estado do material circulante, especialmente das máquinas que de momento avariavam, estacionando às vezes 3, 4 e mais horas em qualquer local da extensa rede férrea, fazendo passar o publico por grandes inclemências, sob um calor torrencial que o marilha, até que, após uma rápida e defeituosa reparação, recuperam o andamento para mais adiante, da mesma forma, novas paragens se darem, originando, assim, viagens tormentosas.

Hoje, pois, confirmamos as nossas palavras. Os comboios de longo curso são raros os dias em que não chegam atrasados. Há dias, então, duma infelicidade extraordinária.

Em 29 do m. p., esteve o «rápido» de Lisboa ao Porto, retido entre Anços e Alfaiates perto de 3 horas, por avaria na máquina, e detida forma esta era, que nem para iras nem para diante andava, não podendo por isso ser impedida pela máquina de outro comboio, o que se tentou fazer.

Devido a isto, esteve a linha ascendente interrompida desde as 11 horas às 2.20, originando atrasos a mais comboios e a vários comentários asperos do publico.

O comboio que parte de Lisboa às 21.30, também esteve parado em Valadares, no mesmo dia, 2 horas, e assim sucessivamente.

Sobre os comboios de mercadorias, então não falemos nisso.

Chegam com 8, 10 e até 16 horas de atraso! Já tem sucedido não existir máquinas em condições de circular, em alguns depósitos. Se isto assim continuar, brevemente o caos ainda será maior.

Quanto ao restante material circulante, carruagens e vagões, também é pessimo o seu estado. As primeiras sem comodidades algumas, portas avariadas, fechos, almofadas arruinados, etc.

Sobre os segundos, são insuficientes para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

Se da parte da Companhia houvesse a vontade de remediar estes inconvenientes, que enormes dificuldades criam para tanto tráfego, visto grande parte dos mesmos se encontram deteriorados, não havendo esperanças de rapidamente os serem reparados.

Porisso também acontece conservarem-se nos diferentes cas das estações remessas dias e dias sem poderem ser transportadas a destino.

"A BATALHA" NO PORTO

A greve de Salgueiros e uma carta na "Janeiro"—Os lucros dos acionistas e as reclamações dos operários que lhes dão os lucros

A greve do pessoal da Companhia Fabril de Salgueiros ainda persiste no seu primitivo pé. A direcção que preside aos destinos daquela empresa, à custa da qual lucrativamente bem se governa, conserva ainda as suas relutâncias perante a satisfação das justíssimas reclamações formuladas pelos seus estratos.

Todavia, aquela vivedora direcção, querendo dar ao público a impressão de que paga bem ao seu pessoal humilhado, e à guisa de resposta indirecta ao que escrevem a respeito da dita Companhia Fabril de Salgueiros, publicou no *Primeiro de Janeiro* uma carta onde, entre diversas bobagens, declara, estabelecendo-se numa artificialidade oficial, que os salários dos operários subiram mais de onze vezes, de 1914 para cá. Desnecessário será apresentar muitos argumentos concretos para provar que o pessoal não ganha onze vezes mais do que auferia antes da guerra, a não ser que na folha de fôrça seja metido um dinheiro e o pagamento seja feito com outro, para que uns tenham o proveito e outros a fama...

É uma verdade esse aumento de onze vezes que os grevistas poderiam termo à sua disposição de facto a direcção tucista, lembrança de lho conceder agnosce, que a direcção não quiz, porém, dizer na carta é quanto foi o último di-

videndo comparado com o de 1914; o que não disse, tratando de encobri-lo cuidadosamente, é que a Companhia fechou o último balanço com um lucro fabuloso que já mais tivera até 1914. Melhor seria demonstrar ao consumidor quantas vezes subiu o custo das fazendas.

Segundo uma comunicação recebida, uma comissão do pessoal em luta apresentou, tanto por escrito como verbalmente, ao membro do conselho fiscal da Companhia sr. João Lopes Correia, uns determinados dados acerca das irregularidades cometidas pela direcção. Por exemplo: compraram um camião inutilizado, por assim dizer, por 10 contos, quando ele não merecia 3. O director João Amaral, que se encontra actualmente em viagem no Gerez e a quem se lhe devia aplicar o celebre regulamento que não consente que nenhum operário esteja doente mais de oito dias, tem mandado fazer obras, para si, com pessoal—pedreiros, carpinteiros, etc.—pago pela Companhia.

A pedra para as suas construções tem sido tirada, ainda segundo a queixa apresentada ao fiscal sr. João Lopes Correia e segundo os informes que possuio, da quinta da fábrica, cujos transportes, cujos carreiros são remunerados pelo cofre da Companhia.

Até bombas para poços, ramadas de ferro, fogões, etc., de exclusivo interesse particular, têm sido feitos nas oficinas por conta dos acionistas. Outras acusações lhe são atribuídas de grave responsabilidade. A qualquer negociante que lhe encomende produtos no valor de 20 contos, o referido director só lhe vende fazendo no valor de 1 ou 2 contos; no entanto, para um seu parente, não há razões: se faz uma encomenda na importância de dez ou vinte mil escudos, ele fornece-lhe no custo de cincoenta ou cem mil escudos... Isto é que se não disse na carta, como também se não quiz dizer que cada membro dirigente da Companhia, levou no fim do ano social, assim uma coisa parecida com 43.000\$000, fôrta o dividendo das acções que p.ssam possuir, acavalas, etc.

É precisamente por estes factos que a direcção da Companhia Fabril de Salgueiros não quer atender as reclamações do seu pessoal, mandando esta, segunda-feira passada, afixar um aviso no portão pelo qual se comunicava às gentes que a fábrica ia principiar a sua laboração intermópida e que estava aberta uma inscrição de novos operários. O pessoal grevista não se assustou e conservou-se firme. E' então que começa o regime das represálias. Chama-se para junto da fábrica a autoridade, comparece cavalaria da guarda republicana, policia armada de espingarda e policia

secreta. Ao agente Vilarinho, que já trabalhava, ao que se diz, naquela Companhia como alfinador, entrega-se uma lista com 17 nomes de alfinadores da fábrica para serem presos.

Essa lista está elaborada num papel com os dizeres da Companhia, pelo que se deprende que a direcção é a inspiradora da acção da policia, que prenderá a Carlos Lázaro e Francisco Ribeiro, além de duas mulheres, que protestavam contra a arbitrariedade, e dois operários sapateiros, por aconselharem a que fossem reunir para o seu sindicato profissional.

Vê-se, portanto, que a patrão tem comprada a policia para fazer sosbarrar todas as aspirações proletárias, prendendo a esmo, por palpite, por capricho, por indicação dos patrões, haja ou não motivos para isso. Basta serse membro duma simples comissão, porque por isto é que foram capturados os dois primeiros operários acima mencionados.

Eis no pé em que está a questão entre o pessoal tucista da Companhia de Salgueiros e a respectiva direcção exploradora. Oxalá que os grevistas se mantenham firmes, arrostando com todas as prepotências. E o resto da classe tucista deve prestar a sua solidariedade ao pessoal de Salgueiros, não o traindo.

C. V. S.

Reunião do Conselho Central da União dos Sindicatos Operários do Porto

Expediente

Reúna a U. S. O. Entre o expediente, figurava: um officio da Federação Africana de Lisboa, cumprimentando esta União Local, pelas suas deliberações publicadas em *A Batalha* a propósito dos crimes do Alto Comissário de Angola—tomado em consideração; e uma circular da Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores, referindo-se à próxima excursão a Viana que se realiza no dia 27 do corrente. Após ligeira discussão, fica resolvido que a circular lize a C. A. para nomear o delegado que há-de representar a União no passeio confraternizativo referido, bem como que todos os presentes façam a máxima propaganda da excursão junto dos seus organismos profissionais e onde puder ser feita.

Regulamento interno

A comissão nomeada na reunião transaccional para estudar a melhor forma das sessões da União, perde regularizadas, de forma a não perder-se tempo com discussões estérteis, apresenta um regulamento naquelle sentido. Na generalidade, aquelle regulamento é discutido largamente, dividindo-se a assembleia em duas opiniões. A primeira corrente ataca aquelle documento por o achar inútil, baseado em que os próprios estatutos da U. S. O. alio prevê sobre os desvios das discussões e sua esterilidade. Como argumento, é lembrada a tese *Sobre a Organização Operária*, onde já se faziam referências aos maus hábitos dos militantes. O melhor regulamento está, em primeiro lugar, no consentimento dos delegados, em segundo, na C. A. que deve elaborar sempre a ordem dos trabalhos; em terceiro, na acção do presidente da assembleia de delegados, que deve velar pelo cumprimento da ordem que lhe for apresentada, a não ser que, em questão prévia, algum delegado queira tratar de assuntos inesperados, inadmissíveis e de importância evidentemente reconhecida.

A segunda corrente fundamenta-se na forma irregular como se tem comportado diferentes delegados, já pela sua má competência à hora designada, já por, fugindo aos assuntos de interesse, entravarem a boa marcha das reuniões, como ultimamente tem acontecido, o que é lamentável. Em reforço, alega também que todos os sindicatos tem regulamentos e que a apresentação do que está em ordem da noite é a resultante duma deliberação tomada na sessão transaccional, que deve completarse e cumprir-se, tanto mais que foi reconhecida a necessidade dum regulamento, para obviar às irregularidades citadas. Depois de réplica e tréplica, mantendo as duas correntes os seus pontos de vista, o regulamento é rejeitado por maioria e em votação nominal, havendo algumas declarações de voto.

O secretário geral apresenta, e é aprovado, um documento, pelo qual o conselho federal resolve convidar todos os delegados a cumprir fielmente os seus deveres dentro da U. S. O., e a tomar as resoluções das sessões anteriores, devendo, em caso contrario, ser substituídos depois de comunicação aos seus respectivos sindicatos.

Um reparo de *A Batalha*

O delegado dos litógrafos apresenta um protesto contra a nota da redacção, de *A Batalha*, publicada a seguir ao extracto da sessão da U. S. O., no domingo passado, por aquelle organismo local não precisar de fiscais. Tal protesto é considerado ilógico, tanto mais que a redacção de *A Batalha*, reconhecendo o seu erro, numa contra-nota, fizera as suas desculpas. Lidas as duas notas em referência, é depois salientado que sendo o jornal *A Batalha* órgão oficial da C. G. T. e, portanto, de toda a organização sindicalista, ela tem o direito e o dever de apontar e criticar todos os desvios das colectividades sindicais, aconselhando-as, convidando-as a retomarem a sua posição.

Assim, se de facto a U. S. O. tivesse tomado a resolução que a redacção de *A Batalha* supoz, ella estaria fôrta a sua estrutura orgânica e iria de encontro aos compromissos assumidos nos congressos. Logo, *A Batalha* tinha toda a autoridade moral de criticar tal reviravolta, sem, contudo, ser fiscal.

Na reunião disse-se também que o delegado dos litógrafos não apresentaria o seu protesto, de facto, a União tivesse resolvido colaborar com a Confederação Socialista. Como tal não succede e procede aquelle delegado daquela forma, dá a entender que o faz como socialista e não como realmente delegado da sua classe. O delegado dos litógrafos diz não ser verdadeira a última afirmação, insistindo, todavia, no seu protesto, sobre o qual ainda se pronunciam o secretário geral e vários delegados, sendo resolvido não se aceitar o protesto.

Horário de trabalho

Liquidada esta questão, o camarada do vestuário occupa-se do horário de trabalho e da acção energética que se deve seguir contra o regulamento-béria do ministro do trabalho. Propõe para, visto que a comissão nomeada para tratar do horário do trabalho ainda nada apresentou em consequência de estar à espera que a comissão nomeada na C. G. T. para o mesmo assunto, algo diga sobre elle, a fim de se harmonizar a resistência — se officio para Lisboa, solicitando, o mais breve possível, uma resposta que nos oriente sobre o modo de pensar da última comissão. Assim se resolve, depois do mesmo delegado se referir ao que se está passando no M. e D. a respeito do horário e de outros delegados fazerem outras alusões.

El também abordada a questão do pão, mais devido ao adiamento da hora, fica para mais largamente ser debatida na próxima sessão.

"A BATALHA" NA PROVINCIA E ARREDORES

Vila Nova da Baronia

1 DE AGOSTO

O cinismo dos moageiros?...

Há dentro do termo desta freguezia duas fábricas de moagem, pertencendo uma ao sr. Jaime de Carvalho e outra a firma Pereira & Mendes, tendo como sócio capitalista o burguez Francisco Manuel Fialho, empregado do correio desta localidade.

Imaginem os leitores que me mãos está este cargo, havendo pessoas nesta freguezia que também o desempenham e com mais necessidade de ganhar dinheiro ao Estado.

Vamos à moagem porque não podemos encobrir burlas. O ano passado, quando o povo desta freguezia se levantou contra a falta de farinha, reuniram-se na Junta de Paróquia desta freguezia todos os moageiros e lavradores, perante a autoridade administrativa e comissário geral de subsistências, empregando estes senhores a sua palavra de honra que não havia de faltar farinha até ao dia 15 de Agosto de 1922.

Para onde foi então esse trigo que tinham para abastecer a freguezia até aquella data?

Digam, senhores moageiros!...

Se houver alguém que pergunte ao chefe da estação de Vila Nova, ele dirá para donde foi esse trigo já farinado.

E dizem estes senhores, que são os pais da pátria em Vila Nova da Baronia, que fazem muitas finezas, e quando passam ao pé de alguém tiram-lhe o chapéu fazendo-lhe cumprimentos rasgados, mas todos cheios de hipocrisia.

Almas do outro mundo

Mora nesta freguezia uma família de Cuba, que anda de viagem, por diferentes sítios, pagando promessas para libertar uma pequena, de 14 a 15 annos, da alma de uma lã, que diz apparecer-lhe.

Destes casos tem-se já dado alguns nesta pitoresca terra, por motivo da reacção tirar muito bem a sua fôrça.

Há de ser bonito mais se apparece cá alguma alma a libertar-nos das mesquinhas condições em que vivemos...

Póvoa de Lanhoso

1 DE AGOSTO

Vida sindical

Sabemos que brevemente se reunem nesta vila os membros da secção anexa ao Sindicato Unico da Construção Civil de Braga, a fim de se tratar de vários assuntos de interesse para os construtores deste concelho.

Carestia da vida

Nesta localidade, que prima infelizmente por crassa ignorancia, por ali continuam subindo dia a dia os preços dos géneros, sem que haja uma reacção ca-

paz de meter na ordem os gananciosos agricultores e os gatuões a que imprópriamente se dá o nome de comerciantes.

Incoerências

Quando o dr. sr. António José de Almeida era um simples chefe politico, visitando em propaganda politica, esta localidade, foi aqui mal recebido, chegando os seus adversários a pedir que ninguém o fosse cumprimentar.

Agora que é o supremo magistrado da nação, esses mesmos que mal o receberam, foram ao Gerez, quando há dias ali se encontrava a uso de águas, para muito obsequiosamente o cumprimentarem.

Vejam a quanto obriga a tam nojeira como miserável politica!

Afastai-vos dela o mais possível, oh! prestantes homens do trabalho!

Proença-a-Nova

3 DE AGOSTO

Agressão a tiro

Há dias no lugar das Corgas, deste concelho, João Martins, trabalhador, teve uma conversa com um dos seus companheiros, comunicando-lhe quasi coisa sobre a honestidade de uma rapariga de nome Conceição de Jesus.

Não tardou muitos dias que o irmão e o namorado da rapariga, respectivamente Manuel Farinha e Francisco Martins, o subleassem, o que os levou a procurar o Martins, o qual foi encontrado numa propriedade appestada ovelhas pertencentes a seu pai.

Depois de uma curta discussão foi o Martins alevado a tiro, sendo atingido na perna direita. Seguiu para Lisboa, recebendo curativo no hospital de S. José.—C.

Ponte do Lima

5 DE AGOSTO

O que vai pela fábrica de Alberto Cardoso & C.

Não há que ver! A maldita raça capitalista é em toda a parte a mesma.

Clugou agora o momento de saber-mos e relatarmos a exploração de que são vítimas os operários que trabalham na fábrica de Alberto Cardoso & C.

Todos sabem que o preço dos géneros subiu excessivamente e que todo o dinheiro que um operário ganha é pouco para viver na época actual.

Pois na fábrica de Cardoso & C. os operários ganham o fabuloso salário de 100, 150, 200, 250 e 350 por dia! E trabalham além de 12 horas mais 3 dias na semana até à meia noite, que são 10 horas de trabalho por dia, depois de excluido o tempo das refeições, para ganharem apenas de noite o dobro daquele salário!

Ora isto revela uma rudeza moral e intelectual, da parte dos operários que

ali trabalham, que desconhecem a verdadeira noção do quanto valem, dos direitos e da justiça que lhes assiste como trabalhadores e produtores úteis que são...

Anterem estes desgraçados em 16 horas de trabalho o dinheiro que deviam ganhar em 8 horas!

Recebem, é certo, os operários 2 alqueires de milho cada um, de 15 em 15 dias, ao preço de 450, que lhes vende a firma Cardoso & C., mas nem só de pão vive o homem, e esse milho, feitas bem as contas, vem a sair muito mais caro do que aquelle que se vende no mercado, pois é uma ridicularia que revolta e indigna todas as pessoas sensatas, o salário que na fábrica daqueles senhores auferem os operários!

Mas não é só contra o preço dos salários que nos revoltamos.

E' também contra o modo como procedem os feitores do sr. Cardoso & C., para com os operários que trabalham na mesma fábrica.

Um chama-se João Isqueiro, que fecha o portal ao pessoal que não está no trabalho ao toque da fábrica, as 6 horas da manhã (hora em que este paga a trabalhar).

Não se lembra que é também um explorado e que traz também trabalhado na mesma fábrica sem pai e dois irmãos seus. Não se lembra que se o

pessoal não está todo no trabalho a sua hora é porque não pode, pois muitos operários são de longe...

Outro feitor, mais perverso nas suas acções, mais imperialista e egoista nas suas fanfarras, é também um das Passos, de Viana-do-Castelo, que os operários que comparecem na fábrica 5 minutos mais tarde depois do apito desta, não lhes fecha o portal, mas desconta-lhes, no dia do pagamento da jorna, todos os quartos de dia quantos forem os dias que pegaram mais tarde a trabalhar!...

É desolador, é trágico olharmos para os operários que ali trabalham, parte deles sob um sol ardente, que asfixia, que mata!

Por causa duma água

Ontem, pelas 3 horas e meia da madrugada, deu-se na freguesia de Beiral, d'este concelho, uma desordem por causa duma água de rega.

O causador da desordem foi António Lopes, que, munido dum foicinho, agrediu bárbaramente Rosa da Assunção, 3 filhas e 2 filhos desta.

Os agredidos apresentaram vários ferimentos pelo corpo, sendo alguns de gravidade.

Isto são as belezas do regime de propriedade privada! — C.

ESTORIL-TERMAS

Agua thermal, hipersalina, cloretada, sódica e magnésica, sulfatada e bicarbonatada calcica, litica, etc.

RADIOACTIVA

Mecanoterapia—Electroterapia—Magnetismo—Lamas radioactivas

Tratamento do reumatismo crónico, gota, artrites, nevralgia sciática; doenças das senhoras; linfatismo e suas manifestações e cutâneas; doenças de pele; do aparelho gástrico-intestinal; das fôssas nasais e da laringe; perturbações cardiovasculares, etc.

O estabelecimento thermal concede banhos nas viagens de ida e volta ao Estoril às pessoas inscritas para tratamento.

A grande Baixa de Calçado e Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-preto para senhora 11\$000

Sapatos em verniz todos os modelos 20\$000

Botas calf-preto grandes 21\$000

Botas calf-preto com duas solas 22\$500

Grande saldo de botas brancas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bem

48, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 96

Uma chávena de cacau da S I C

vale mais como alimento, que 5 chávenas de café, e não é prejudicial à saúde como este.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

Alvaro de Almeida, o querido e distinto actor cómico, que há bastantes meses não trabalhava nos teatros de capital, reaparece na proxima semana no teatro Chiado Terrace, fazendo na revista *Trololo* os seus antigos e impagáveis papeis de «Cozinha Económica», «Ilustre desconhecido», «Amor moderno» e «Telefones», etc.

A festejada revista será apresentada com todos os seus quadros da primitiva, incluindo o dos telefones, em que Judite de Sousa fará uma encantadora telefonista, Maria de Sampaio, gentil e insinuante actriz de declamação, possuidora de uma voz muito agradável, estreia-se na revista *Trololo*, interpretando varios e graciosos papeis.

Na proxima quinta-feira a revista *Lua Nova*, em scena no teatro Maria Vitória, do Avenida Parque, será amplificada com três números novos que se intitulam: *Os tipos de pão*, *A cabra*, o *carneiro e o cavado*, e *o certame das feiras*.

A Companhia Oleo de Carvalho está ensaiando a noite, numa das dependências do Palácio Mayer, o repertório que destina ao teatro Nacional, do Porto.

Reclames

Peça genuinamente portuguesa, cheia de espirito, que diverte sem recorrer a inconveniências, com fina critica e grande aparato e deslumbramento de apresentação, nenhuma ha que rivalise com *A revista de Praxedes*, o grandioso successo do teatro S. Luis.

E' uma peça que devem ir admirar todas as pessoas de bom gosto, e que oferece ainda a atracção duma linda musica e um excelente conjunto de desempenho, com uma encenação primorissima.

Quem quer gozar um espectáculo soberbo, não falta no São Luis, vendo *o revista de Praxedes*.

A companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, que ontem reapareceu em S. Carlos com a desopilante comédia *Aventuras de Rafael*, foi recebida entusiasticamente pelo publico que distinguio nos seus applausos vibrantes a distincta actriz Berta de Bivar e o esplêndido actor cómico Joaquim Prata.

O calor desafia a um passeio à feira e uma vez lá, ninguém falta aos soberbos espectáculos de Maria Vitória com a surpreendente revista *Lua Nova*, que, apesar de ir a caminho da sua centésima representação, ainda não deixou de dar duas enchentes em cada noite.

A popularissima peça *As Duas Garotas de Paris* continua obtendo um êxito verdadeiramente colossal. Nos finais dos actos ressoam os mais entusiasticos applausos à obra de Eduardo Schwalbach e aos seus notáveis interpretes, entre os quais se salientam Irene Grave e a pequenina Arlete Soares, que desempenham os protagonistas.

Hoje, que no Eden se repete *As Duas Garotas de Paris*, deve haver ali outra colossal enchente.

No Avenida continua em pleno successo a desopilante comédia, que André Brua adaptou com uma graça muito sua, *O Pirata das Berlengas*, na qual Nascimento Fernandes nos apresenta um dos seus melhores trabalhos, acompanhado de Cremilda de Oliveira que revela dia a dia os seus grandes dotes artisticos.

A famosa revista *Pica Pau* está obtendo no Apolo um êxito formidável. O publico, que enche a cuba do teatro, entusiasma-se com a peça, que é graciosissima e está brilhantemente apresentada, e muito applaude os interpretes, entre as quais se salienta a incomparável Salambô, que é muito admirável em todos os seus papeis.

Entero-cólite crónica

Seu tratamento

ESTORIL-TERMAS

Linfatismo-Doenças de pele
Banhos cloretados

ESTORIL-TERMAS

Isqueiros

Pedras a 5 centavos (50 réis). Molas, tubos, rodas e mais artigos

Largo do Conde Barão, 55
(Causa do Isqueiro a Porta)

E' quem vende mais barato

Doenças das senhoras—tratamento hidro-mineral

ESTORIL-TERMAS

Obesidade - artrismo - mecanoterapia-Banhos de luz

ESTORIL-TERMAS

LEDE

n.º 2 d. 2.ª série da

NOVELA VERMELHA

Não! diz a lei

por Nogueira de Brito

Gota-Reumatismo crónico

Lamas-Duches-Banhos

ESTORIL-TERMAS

Torneiro de madeira

Precisa-se, Calçada do Jôg da

Pela, 10.

COMPRO

Móveis velhos e escangalhados, assim como me encurge de restaurar mobílias e de todos os trabalhos de carpintaria, etc. Escrevam postal para Joaquim Cardoso, rua Barão Sabrosa, 81, 1.º

Um pouco de tudo para todos!

CALENDÁRIO DE AGOSTO

T.	1	8	15	22	29
Q.	2	9	16	23	30
S.	3	10	17	24	31
Q.	4	11	18	25	
S.	5	12	19	26	
D.	6	13	20	27	
S.	7	14	21	28	

HOJE O SOL

Aparece às 5,42

Desaparece às 17,43

FASES DA LUA

L. C. dia 7 às 19,19

Q. M. " 10 " 20,45

Q. N. " 22 " 20,34

Q. C. " 29 " 11,05

MARÉS DE HOJE

Pratamar às 2,03 e às 14,25

Baixamar às 7,33 e às 19,55

CARREIRAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Sodre) para Caolhas, às 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-10.

De Caolhas para Lisboa, às 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

De Lisboa (C. Sodre) para o Seixal, às 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

De Seixal para Lisboa, às 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

De Lisboa (T. Paco) para o Barreiro, às 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

De Barreiro para Lisboa, às 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

(b) Só aos domingos, 2.ª feira, e feriados e dias seguintes aos feriados, (c) Só aos dias úteis, (d) Liga com Alameda e Seixal (e) Só aos domingos e feriados.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Navios a sair

DIAS	DESTINOS
Griqua	7 Lourenço Marques e Beira e portos da África Oriental.
Cap. Polónia	7 Bolsoe e Hamburgo.
Della	7 Londres.
Usakuma	8 Rotterdam e Hamburgo.
Rijland	9 Portos do Brasil, Formosa, e Havre.
Arangua	10 Madeira, Brasil e Argentina.
Caxias	10 Viro, Southampton, Havre, Anvers e Hamburgo.
Alba	17 Brasil e Argentina.
Caravello	18 Portos do Brasil, Formosa, e Havre.
Gelria	21 Las Palmas, Brasil e Argentina.
Arianza	29 Madeira, Brasil e Argentina.
Deitland	30 Portos do Brasil, Formosa, e Havre.
Orânia	31 Las Palmas, Brasil e Argentina.

EXPOSIÇÕES E GALERIAS

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA.—Rua do Arco a Jesus.—Todos os dias úteis, das 10 às 16, com licença.

ARQUEOLÓGICO.—Largo do Carmo.—Todos os dias das 10 às 16.—20 centavos.

ARTILHARIA.—Largo do Museu de Artilharia.—Todos os dias úteis, das 10 às 16.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO.—Rua Eugénio dos Santos.—Aos domingos, das 10 às 16.

ETNOLOGICO PORTUGUEZ.—Edifício dos Jerónimos, Selem.—Todos os dias úteis, das 12 às 16.

GEOLOGICO.—Rua do Arco a Jesus, na Academia das Sciéncias, 2.ª pavilhão.

